

Isabela Figueiredo

Sublime Código da Insubmissão –

Diário em curso

Primeira insubmissão, dia 1



Residência Literária
VII Conferência Internacional José Saramago
“A Herança Filosófica e Sociopolítica de José Saramago”
26-29 de outubro de 2022

Sublime Código da Insubmissão - Diário em curso

Primeira insubmissão, dia 1

A certo ponto do documentário *José e Pilar* vemos Pilar informar Saramago sobre a correspondência que lhe foi endereçada. São sobretudo convites que é necessário aceitar ou recusar. Em resposta a uma proposta para escrever antecipadamente sobre uma instalação, Saramago afirma: “como é que eu posso escrever sobre aquilo que não conheço, que ainda não vi?” Sinto-me exatamente como ele. Este é o meu primeiro argumento para postergar para um lugar pós-evento a conclusão do Sublime Código da Insubmissão. O presente rascunho deverá integrar o trabalho final. O processo deve ficar exposto com as suas tentativas e erros, com as suas incoerências.

Miguel Januário, On/Off

Miguel. Eu só quero escrever-te cartas. Todos os dias uma. Quando pedi o teu telefone à organização da conferência disseram-me que era praticamente impossível entrar em contacto contigo porque te encontravas abduzido pelo trabalho académico. Impossível. Deixa-me rir! E a ti. Ríamos em unísono deste adjetivo. Não se pode fazer até termos feito! Não se fará, certamente, se estivermos convencidos de que não podemos. E porque carga de água não haveríamos de nos atirar aos nossos propósitos? Se queremos. Insisti e o teu número de telefone caiu do céu embrulhado em algodão doce cor-de-rosa. Foi uma orgia de açúcar. Queria mesmo falar contigo. Ouvir a tua voz. Serias uma pessoa normal como eu ou terias algum sinal particular, como por exemplo uma voz pedante ou uma especial arrogância. Desejava que não. Eu gosto de gostar dos artistas de quem gosto. Tinha visto o teu trabalho e tinha-me divertido e maravilhado, depois investiguei na internet. Li sobre ti. Faltava-me ouvir a tua voz. O teu riso. Queria que ouvisse a minha. O meu riso. Partilhar. Comunicar. Tratei-te logo por tu, mas expliquei-te que o fazia por me sentir próxima, como se fôssemos colegas e somos, creio. Queria perguntar-te coisas comezinhas, mas íntimas, por isso difíceis.

1) Como é que arranjas dinheiro para comprar pão?

Resposta resumida: vender em galeria sem me vender muito.

Eu disse: Miguel, eu não tenho um juízo de valor sobre o assunto. Quero mesmo saber como é que uma pessoa paga contas a encestar carcaças-granada nas arcadas da Assembleia da República com um taco de golfe.

- 2) Como te sentiste relativamente ao militar da GNR que acabou por ser exonerado como consequência do teu *Enterro de Portugal*, em Guimarães?

Resposta resumida: foi difícil. Telefonei para a esquadra para falar com o visado. Atendeu-me um agente. Identifiquei-me. Do outro lado, um silêncio de pedra. O homem pediu-me para esperar. A seguir atendeu-me o comandante. Ouviu-me. Disse-lhe que não era minha intenção chegar aquele termo. Respondeu-me que tudo bem, só não queria mais barulho à volta do assunto, nada de petições para que ele isto ou aquilo. Queria que o deixassem em paz.

Não sei se te disse: ideia pura, dinamismo, faísca, ação, provocação, rasgão no status quo. Sei que te disse: gostas de usar os meios legais para cometer ilegalidades, não gostas? Gostas de sentir a adrenalina desses momentos, não gostas? Sei que te disse: diverti-me que nem louca. E maravilhei-me.

- 3) O que gostas de comer num dia normal?

Resposta resumida: bacalhau cozido com grão e ovos, acompanhado com vinho branco e, no final, para a desgraça, mousse de chocolate. Perguntei-te porquê para a desgraça. Respondeste que era a idade, que os doces se pagam no corpo.

Não te disse: espera lá, tu és um gajo normal. Espera lá, tu não és um deus. Tu tens medo de engordar. Tu tens medo de morrer. Mas fiquei feliz.

Fiz-te mais duas ou três perguntas. Trocamos impressões. Rimo-nos. Pedi-te se permitias que te revelasse o momento da minha vida em que senti que mudava o sistema por dentro, clandestinamente, e de como me senti empoderada? Conteí. Não podes revelar enquanto o crime não prescrever. Foi uma boa conversa, Miguel. E agora este On/Off. Pois, verei. Dizes que se baseia em *A Caverna*, de Saramago e na Alegoria da Caverna, de Platão. No que te vais meter, mano? Avanço com o pé direito e te bendigo “em nome do Sonae, do Amorim e do Banco Espírito Santo. Ámen.”



Imagem: Cortesia do Grupo Leya

A escritora **Isabela Figueiredo** realiza uma residência literária na I Cátedra Internacional José Saramago por ocasião da nossa VII Conferência Internacional. A autora de *Caderno de Memórias Coloniais*, obra internacionalmente conceituada, já oferecera uma palestra sobre este livro na Faculdade de Filologia e Tradução da UVigo em 2009. A ficcionista criará uma série de textos, em forma de diário, a partir de diversas temáticas relacionadas com as atividades da VII Conferência, com o título **"O sublime código da insubmissão"**. Estes textos serão distribuídos e publicados durante os dias da Conferência.

Isabela Figueiredo nasceu em Lourenço Marques, Moçambique, e veio para Portugal em 1975 na condição de retornada. Foi viver com a avó, ficando separada dos seus pais, que ficaram em Moçambique, durante 10 anos. O seu pai era electricista. Isabela Figueiredo é licenciada em Línguas e Literaturas Lusófonas pela Universidade Nova de Lisboa e possui uma especialização em Estudos de Género pela Universidade Aberta de Lisboa. Publicou seus primeiros textos em 1983 no *DN Jovem*, suplemento já extinto do Diário de Notícias. Em 1988 ganhou seu primeiro prémio na Mostra Portuguesa de Artes e Ideias com a obra publicada sob o nome de Isabel Almeida Santos: *Conto é Como Quem Diz*. A autora trabalhou como jornalista no *Diário de Notícias* entre 1989 e 1994 e também como professora de Ensino Médio na Margem Sul de Lisboa entre 1985 e 2014. Em 2009, publicou a obra autobiográfica *Caderno de Memórias Coloniais* a qual foi eleita em 2010 como uma das obras mais relevantes da década pela escritora Maria da Conceição Caleiro e pelo ensaísta Gustavo Rubim no especial publicado pela revista de cultura Ípsilon (suplemento de artes do jornal Público). Ainda em 2010, recebeu o prémio de melhor livro do ano com *Caderno de Memórias Coloniais*. Seu romance *A Gorda* (2016) foi considerado um dos dez melhores livros de 2016 pela revista online *Espalha-Factos* e venceu o Prémio Literário Urbano Tavares Rodrigues de 2017.

Edição: I Cátedra Internacional José Saramago, Universidade de Vigo, 2022.

Imagem: Cortesia do Grupo Leya

Texto: © Isabela Figueiredo.

